

Yndiara Rosa Macedo



Yndiara Rosa Macedo

Coletânea de contos e crônicas de Yndiara Rosa Macedo.

Currículo

Yndiara Rosa Macedo ganhou o Mapa Cultural Paulista em 2010 com o O Conto Obituário - A morte e o funcionalismo público. Outros trabalhos dessa escritora podem ser apreciados no blog <http://mimesesealquimias.blogspot.com.br>

A Lenda de Oxum

Oxum era a filha preferida de Orumilá, a menina dos olhos de seu pai. Quando a menina nasceu, seu pai lhe deu as águas doces e cachoeiras para governar. Deu-lhe a benção sobre as mulheres, a fertilidade, o cuidado sobre o feto.

Oxum cresceu bela, meiga e mimada. Tinha o coração doce, mas era cheia de vontades. Quando estava na idade de se casar, os pretendentes logo apareceram às portas de Orumilá.

O primeiro foi Oxossi, o caçador. Ele trouxe lindas peles, animais e abundância. Orumilá achou que a filha seria feliz com um homem que proveria a mesa e era um grande caçador. E Oxum foi entregue a Oxossi, indo com o noivo para a sua floresta.

Em pouco tempo Oxum estava triste e deprimida. Oxossi era forte, belo, vigoroso. Mas vivia pelas matas, buscando mais e mais troféus para os seu salão de caça. Além disso, Oxossi era de modos rudes e não oferecera sequer um pente e um espelho à noiva. Chorando, Oxum mandou recado ao pai que encerrou o noivado.

O segundo pretendente foi Ogum. O grande general, o senhor dos exércitos de Oxalá. Era também um grande ferreiro. Orumilá pensou que com o melhor guerreiro, Oxum estaria sempre protegida. Assim, mandou a filha ir passar um tempo com o noivo. Ogum também era forte, jovem, belo. Mas só pensava em guerra, estratégias, seus exércitos e suas espadas; era grosseiro e ríspido com Oxum e reclamava de sua vaidade que considerava um desperdício de tempo. Oxum chorou mais uma vez e o pai a trouxe de volta.

Os pretendentes continuavam a chegar, mas Oxum recusava a todos com medo de sofrer novamente.

Um dia, um homem pediu abrigo às portas de Orumilá— era pobre, um andarilho. Orumilá iria dispensá-lo, porém Oxum compadeceu-se do peregrino e pediu ao pai que o recebesse. O homem banhou – se e ganhou roupas limpas, comeu, bebeu, descansou. Em agradecimento, fez uma trova que dedicou a Oxum. Quando a princesa ouviu, ficou encantada e mandou chamar o andarilho. O homem lhe recitou mais versos, contou – lhe histórias, até penteava os cabelos de Oxum, enquanto lhe cantava trovas.

Um dia, o peregrino precisou ir embora. Oxum chorou, implorou ao pai que impedisse a partida do homem, contudo Orumilá não podia prendê-lo, sendo que nada de mal ele fizera. Oxum chorou muitas noites, olhando a lua, sentindo falta do humilde trovador.

Orumilá, querendo ver a filha esposada, cansou-se do choro de Oxum e mandou reunir os melhores partidos para que a filha escolhesse um marido. Deu uma grande festa, mas Oxum, amuada em seu canto, não comia nem sorria, não queria saber de ninguém.

Então, Orumilá exigiu que a filha escolhesse seu marido logo, ou então, ele, seu pai, o faria. Oxum, contrariada, olhava por entre os homens e nenhum deles a agradava. Eram ricos, poderosos, alguns até belos e fortes, mas nenhum lhe falara ao seu coração.

Então ela viu entre os convivas o andarilho trovador. Oxum correu até o homem, levou-o até ao pé do trono de Orumilá e pediu que cantasse. O andarilho cantou, declamou lindos poemas, todas para Oxum. A princesa, em lágrimas, disse ao pai

que ele era o marido que ela desejava.

Orumilá, os convidados e toda a corte riram, onde já se vira, a filha do rei casar com um mendigo! Oxum insistia, defendendo o peregrino contra o desdém dos demais.

Então, um grande trovão soou e o peregrino foi atingido por um raio. Para grande surpresa e espanto de todos, o mendigo transformou-se em Xangô, o senhor da Justiça, o maior juiz de Yorubá.

Orumilá perguntou-lhe porque ele não se apresentara como realmente era, desde o início. Xangô explicou que não queria apenas o corpo, nem o dote de Oxum, queria uma mulher que fosse justa como ele, por isso, disfarçou-se de andarilho, preferindo conquistar o coração da mulher pela arte e sensibilidade. Ele agora tinha certeza de que Oxum era a sua rainha verdadeira, pois ela o amava por suas qualidades e não por sua realeza ou dotes físicos. Orumilá, abatido pela sabedoria de Xangô, deu – lhe a mão de sua filha.

Xangô levou Oxum para o seu reino, em Oyó, onde ela foi coberta de carinhos, dengos, sedas, doces e brinquedos. Xangô acumulou-a de bondade, amor e mimos e tornou-a também a rainha do ouro, da prosperidade.

Oxum nunca mais chorou de tristeza, só de emoção, e aprendeu a cantar todas as trovas de Xangô, a quem jamais deixou.

Defeito de Fábrica

O "Facebook" anda me dando linha. Ou dando gás. No meio de tanto besteiro, acabo encontrando pérolas que dão o que pensar. Uma caríssima amiga, Dani Facholli, compartilhou um engraçado cartum: diversas mulheres, todas idênticas, bonitas, jovens, o cabelo irrepreensivelmente penteado (e necessariamente liso) coloridas em tons róseos, com um enorme código de barras na testa. Atrever-me-ia a dizer que são loiras, não pela piada preconceituosa, mas porque ainda hoje o padrão de princesinha é o nórdico europeu. Cada uma das multigêmeas segurava um acessório de maquiagem. No meio delas, bem à frente, em preto e branco, há uma jovem trajada casualmente, os cabelos escuros em desalinho. Ela não é feia, mas obviamente se destaca pelo visual despojado, sem compromisso. Ela lê um livro. Na testa, em vez de código de barras, há um papel, afixado com fita adesiva onde lê-se: "defeito de fábrica". Achei fenomenal! Além de bem humorado, adorei a mensagem. Postei meu comentário para a Dani e fui ler as outras postagens. Para meu espanto, algumas pessoas criticaram o cartum. De forma geral, as (os) reclamantes diziam que aquilo era preconceito contra a beleza e vaidade femininas. Que nem toda mulher bonita é burra e nem toda feia é inteligente. Concordo integralmente com o postulado, mas não em relação ao cartum. Eu fiz uma leitura totalmente diferente: no meu olhar, o enfoque não reside na questão da beleza X inteligência. Interpretei a mensagem como uma crítica aos "modismos", ao escravismo dos padrões do que é belo, e, o principal, crítica à futilidade X consistência. Este, para mim, é o ponto central. E parabéns ao cartunista, infelizmente não há assinatura no desenho para eu poder creditar neste texto.

Não há mal algum em ser vaidosa(o). Acho que é uma virtude se cuidar. Pessoalmente, sou extremamente vaidosa. Adoro perfumes, tenho uma bela coleção de paletas e pincéis para maquiagem, vivo lutando contra o peso, tentando buscar a boa forma. Invejo Angelina Jolie, Scarlet Johansson, Kate Beckinsale, Luiza Brunet (para mim, eterna musa). Não vivemos só de pensar. O nosso cérebro habita acima de um corpo. Mas aí é que está: o corpinho tem que obedecer ao cérebro e não à coletividade, à moda, ao consumismo. Embora eu admire e inveje a boa forma (e os modelitos Givenchy) da Angelina, Scarlett ou da Luíza, eu não quero me tornar nenhuma delas, mesmo porque isso é impossível. Somos únicos. Tampouco vou contrair uma dívida no banco ou assaltar uma loja na 5th Avenue (aqui em São Paulo, talvez a Daslu, mas ... nhé... 5th Avenue é melhor.) para ter marcas famosas. Francamente, além de ser fútil e potencialmente perigoso à minha vida, eu nem teria onde usar um modelo Yves Saint Laurent com uma bolsa Gucci e sapatos Prada. A primeira dificuldade seria em *caber* em um vestido que é feito para mulheres com 1m70 e 50 quilos. A segunda seria ter coragem de sair à rua com peças tão valiosas para acabar assaltada. Ou passar ridículo. Alguém se imagina indo para o supermercado num lamê da Dior, de ônibus?

Todo mundo sonha com coisas boas, coisas chiques. Imagino que uma criança da Somália deve achar que comer todo dia é o "crème de la crème", por exemplo. O pobre do sem teto que dorme na frente do Fórum aqui da cidade deve achar um luxo dormir numa cama após um banho de – veja só – água quente. Exageros à parte, todos temos sonhos de consumo. O meu é uma viagem à Europa, de onde eu posso trazer um kit completo da Lancôme, à preço justo. O do meu marido deve ser uma coleção de quadros do Miró; telas feitas à mão, sob encomenda, pinceis e tintas da melhor qualidade. Tem gente que sonha com uma Ferrari e por aí vai. Isso não é pecado e até faz bem. O mal é quando esses sonhos se tornam o alvo e o motor de uma obsessão, de uma compulsão que nada detém, nem a ética. Aí surgem os corruptos, que já esqueceram o que é ética. Moral? O que é isso? Quando começamos a substituir o essencial pelo conspícuo, aí a coisa fede, ainda que seja a perfume francês. É aí que surgem as dívidas ou, no pior caso, a ética e a moral saltam pela janela e começamos a fazer qualquer coisa pelo ter e pelo

parecer, em vez de simplesmente ser.

O cartum mencionado me evoca isso, mas à frente há a questão da padronização (que não deixa de ser ferramenta do consumismo) e da futilidade, em especial a feminina. A meu ver, o que o desenho ataca não é a vaidade, mas o seu exagero e o deslocamento que causa uma mulher que não siga o padrão a ponto de ser considerada um defeito de fábrica. Não, o mundo não mudou. As sufragistas e feministas certamente conseguiram nos tirar da Idade de Pedra. Já podemos votar, trabalhar, até ganhar mais que os homens (dependendo do cargo e do empregador). O problema é que o pensamento social ainda me parece Neandertal. Sob a máscara da "liberdade sexual" subjaz uma ferida escondida. Tem muita, muita moderninha por aí que se gaba de ter beijado 16 por noite e de poder fazer sexo com qualquer um e a qualquer hora, mas que inveja a amiga bem casada, que pode até não fazer sexo todo dia, mas dorme abraçada com o seu amado e, quando vão pra cama, fazem amor junto com sexo. As amigas mal casadas são a desculpa perfeita para a moderna – será que eu devia dizer mal comida? Não sei. – anunciar aos quatro ventos o quanto é feliz por estar livre, leve e solta. Livre? Onde, se quando ela vai pra balada bate a preocupação com o vestido, o sapato, a maquiagem, o perfume, o penteado, a cor da unha. Leve? Como, se o peso da concorrência que ela vai encontrar a deixa à beira de um ataque de nervos que a leva a explodir o cartão de crédito no salão, na massagista, no pilates, no cirurgião plástico? Solta? De que forma, se a prisão a um padrão de beleza cada vez mais rigoroso a leva a loucuras como serrar costelas para diminuir a cintura, injetar silicone para turbinar os seios ou fazer cirurgia para retirar o que o padrão diz que é excesso. A última invenção da "moda" é extrair o dedo mindinho do pé para diminuir o tamanho e tornar o pé mais "harmonioso". Eu acho que essa última deve ser manobra de alguma marca de calçados.

Enquanto isso, tem aquelas que vem com defeito de fábrica. Que acham a Angelina Jolie linda, mas não caçam o Brad Pitt na balada e preferem investir na tese de mestrado em vez da nova coleção da Chanel. É óbvio que isso é preocupante e visto como um defeito. Essas mulheres não se veem como acessórios masculinos, não se sentem na obrigação de trocar de cor de cabelo para parecer com a ninfeta "globete" do momento, questionam quando o cara enrola, quando mente, reclamam se o futebol, a cerveja e a farra deixam apenas 10% de tempo pra ela. No mínimo, ela quer o meio a meio. E quer o direito de sair com as suas amigas pra se divertir enquanto ele enche a cara com os amigos. Ela adora os peitorais e o "tanquinho" do Thor e do Wolverine da mesma forma que ele fica secando, sem discricção, a bunda das gostosas que anunciam sua marca de cerveja favorita. Ela não exige casamento e filhos, mas quer compromisso, companheirismo. Ela não joga o cabelo pro lado e vai retocar o batom quando o namorado começa a falar sobre a crise econômica ou sobre a última publicação da Cia das Letras. Isso se ela der sorte de encontrar um homem antenado. Se for um resquício de Conan- o- Bárbaro o cara periga levar uma cortada ou gelada federal ou ficar de pé, horas, tentando decifrar a última frase que ela disse, porque desconhece o que é sarcasmo.

Em suma: esse tipo perigoso de mulher pensante dá trabalho. Não dá pra manipular, pra cornear, pra enrolar. Não dá pra dizer "Eu fui pra cama com ela, mas é você que eu amo". Ainda que a dama em questão (elas são todas damas. Não conheço uma mulher verdadeiramente inteligente que goste de descer barraco) esteja seriamente apaixonada e comprometida, chega uma hora em que o afrodisíaco da paixão começa a perder o efeito e Miss Defeito põe saia justa no gajo em questão: "Por que a gente nunca sai sexta nem sábado à noite?" "Porque o jogo do timão é mais importante que o meu aniversário?" "Como assim, lavar suas cuecas? Você não meu filho. Nem que fosse." "Ué, você não ia pra cervejada com o pessoal da facul? Eu estou com as meninas aqui na praia." " Você não disse que

hoje ia visitar a sua tia doente? Como é que a gente se encontra aqui na festinha do Tito?" "Desculpa, querido, mas eu não vou pagar a conta sozinha, nem pôr gasolina no seu carro." O cara, que a essa altura está com os neurônios derretendo (Eles não tem mais que a gente? Uns a menos não vão fazer diferença), não compreende porque aquela mulher não é igual as outras, porque faz tanta pergunta, porque insiste em conversar com ele, em fazer faculdade, discutir política, a relação do dois. Ela faz piadas que ele e seus amigos do bar não entendem. Só pode ser defeito de fábrica. Ele cogita ligar para o Procon, mas desiste e termina o relacionamento ou some que nem o desenho do Leão da Montanha. Saída estratégica pela direita!

Eu vim com defeito de fábrica. Demorou para eu entender que isso é bom, pois tudo que o ser humano tenta é viver em grupo e ser aceito por ele. Hoje agradeço a Deus que me mandou da fábrica com esse "vício irreparável", pois inteligência não tem reparo. Não é possível ficar burro. Ainda bem que eu não tenho que lavar, no tanque, cueca nem macacão sujo de graxa de marido que está assistindo ao Faustão, estirado no sofá, criticando minha celulite em comparação com as dançarinas, ostentando uma indecente barriga de chope e macarrão com molho que ele derramou pelo chão que ia sobrar pra eu limpar. Também agradeço por não ser a amante eterna do executivo que jura que vai largar a mulher, mas precisa de um tempo, bem como não ser a esposa desse mesmo homem, fingindo não ver que ele chega cada vez mais tarde durante a semana, não sentir o perfume diferente nas camisas de seda, afinal, ele paga as contas do meu cartão de crédito, como eu vou viver sem a grana dele?

Por sorte, também existem homens com defeito de fábrica. O filósofo Roberto Carlos acaba de decantá-lo em " Esse cara sou eu". É o homem que liga no dia seguinte, que se preocupa se você some, nem que seja por um diazinho só. O homem que lhe pinta quadros e lhe faz poesias. Se não é artista, lhe manda poesias que emprestou do Drummond, do Quintana, Neruda. Dá flores e presentes fora de hora, sabe o que você gosta, respeita sua opinião, ouve o que você fala, interage, não tem ciúme das suas amigas, como você não tem dos amigos dele, apoia suas decisões, alerta quando você vai fazer bobagem, estimula seus projetos, vibra com o seu sucesso, para o total assombro dos machos bem fabricados, que não compreendem de que planeta veio tal otário. Sim, também há homens com defeito de fábrica. Estão por aí. Tenham fé. Eu casei com um deles.

Falha no Sistema

Foi no sétimo dia útil que tudo começou. Aparecida aguardava a vez na fila do banco. Era procuradora da mãe doente. Doença rara que escolhera a velhice para se manifestar. Metade da aposentadoria ficava na farmácia. Aparecida introduziu o cartão no caixa eletrônico e em vez do benefício, recebeu a novidade: a conta estava zerada. Aparecida repetiu o procedimento e a tela mostrou o mesmo saldo: 0,00.

A mulher entrou no banco, foi levada ao "gerente pessoal". Aguardou ansiosa, só para descobrir que se tratava de um funcionário que resolvia problemas grandes ganhando um salário pequeno. O homem consultou extratos, deu telefonemas. "É falha do sistema, senhora, mas não do nosso. O problema é na firma em que sua mãe trabalhava."

A firma ficava longe. Aparecida tomou três ônibus. Ao chegar, procurou pelo R.H., mas fechara às dezesseis horas. No dia seguinte, Aparecida voltou, cedinho. Madrugou inutilmente, pois o setor abria às dez. Demorou a ser atendida. Explicou o ocorrido: "Não depositaram a aposentadoria da minha mãe, o banco disse que é falha no sistema." O funcionário do R.H. foi categórico: "Certamente foi falha do sistema, mas não do nosso. A senhora tem que procurar o Financeiro." "Em que andar fica?" "No quinto, mas hoje ele só abre de manhã e já é meio dia. Só na segunda-feira".

O fim de semana foi opressivo. Aparecida mentia à mãe para não piorar sua debilitada saúde. A medicação dela chegava ao fim e não havia remédio contra a burocracia. Na segunda, Aparecida foi ao Setor Financeiro onde lhe disseram: "Se é falha do sistema, foi na Tesouraria.". Aparecida implorou. "Pelo amor de Deus, me digam que eles atendem hoje!" Atenderam. E foram taxativos. "O sistema da Previdência é um caos. O processo emperrou lá."

Na Previdência, negaram a falha no sistema: "Os documentos já foram enviados à firma. Volte lá." Aparecida voltou à firma e lhe avisaram: "Já recebemos a documentação, mas, entenda, o prazo para o trâmite é de cinco dias úteis." "Minha mãe está doente! Por favor, não há outro meio?" Ela suplicou. "Nós fazemos tudo de acordo com o sistema, senhora. Procure um posto de saúde".

Aparecida foi ao posto de saúde de seu bairro. Um atendente consultou dois computadores e seis funcionários para informar: "Nós até temos o remédio, mas só chega em dez dias." "Rapaz, minha mãe vai morrer. Ela está sem dinheiro e sem remédio! O que posso fazer?!" "É o sistema, senhora. Procure um advogado."

A mulher entrou no primeiro escritório de advocacia que encontrou. Estava quase tão macilenta quanto à mãe doente e que tomava aspirina, sem saber que a medicação acabara. O advogado informou: "Cabe uma liminar. Leva uns cinco dias." Aparecida voltou para casa, anestesiada. O sistema parecia se mover a cada cinco ou dez dias, nada podia fazer.

No sétimo dia após a última solicitação de Aparecida, a aposentadoria foi depositada, sem correção monetária. Do banco, Aparecida foi direto à funerária, pagar o enterro da mãe, que falecera dias antes. Na certidão de óbito, constou como *causa mortis*: "falha múltipla no sistema".

Madame Beauvoir

Obatchan

A Hissae Isejima

A casa estava em silêncio.

Mas era um silêncio opressor, longe da quietude mansa dos campos de arroz e cerejeira que a família deixara para trás, na terra do sol nascente.

Havia uma guerra lá fora e desta vez os samurais pareciam ter escolhido o lado errado. Por isso, todos os filhos do Japão sofriam em outras terras, discriminados, isolados, escarnecidos: "Japonês de cara chata, come feijão com barata" Japonês calabrês, come inseto todo mês"

As piadas eram o de menos. Muito pior era a falta de emprego, a desonra de ser apontado na rua, desrespeitado em seus direitos, a perseguição política.

Por isso, aquela casa vivia em silêncio. Ocasionalmente, havia o riso das crianças, mas era logo silenciado por Oditchan. O mais velho. Pai da minha mãe.

Oditchan era um homem culto que gostava de artes, invenções e livros. O que o incomodava não era a bagunça das crianças. Era o medo de serem ouvidos. Ouvidos pelos vizinhos, por alguém que por qualquer picuinha pudesse denunciá-los, sabe-se lá por que. Ele silenciava a todos, com medo. E mergulhava nos seus livros e inventos, nos projetos de engenhocas maravilhosas e impossíveis. Oditchan que queria construir uma máquina para irmos à lua.

Um dia, veio a polícia e invadiu a casa. Ninguém soube por que nem foi explicado. Os homens da lei estavam ali para acabar com aqueles japas safados, cúmplices do "Führer". Eles nem sabiam falar "Führer", chamavam de nazistas, mesmo.

Oditchan veio correndo, implorou para não machucarem ninguém. Pôs-se de joelhos a pedir pela família. Não tinham feito nada.

Os homens da lei – que lei? – foram invadindo e quebrando tudo. Oditchan assistiu, em lágrimas silenciosas, seus livros serem queimados, rasgados os planos dos engenhos mirabolantes que, no sonho de Oditchan fariam rica a família. As crianças também choravam para dentro, sem barulho, aturdidas na violência estúpida do preconceito.

Quem quebrou o silêncio foi Obatchan, a mãe da minha mãe, esposa de Oditchan.

"Vocês não podem fazer isso." A voz dela soou clara e firme, mais alto que o barulho da fogueira no quintal onde ardiavam e estalavam mais de 20 anos em páginas de livros, projetos e sonhos.

Os policiais mandaram a velha calar a boca. Obatchan prosseguiu, sem medo. "Esta é a casa de uma Americana."

Os homens riram, debocharam. Americana com aquela cara achatada e de olho rasgado?! Obatchan lhes estendeu sua certidão de nascimento. Natural: Los Angeles. Nacionalidade: USA.

O silêncio agora, vinha dos carrascos. A Lei era o olhar sério e altivo de Obatchan, que exigiu que se retirassem de sua casa.

Os homens sem lei pediram desculpas com caras de tacho e se foram, silenciosos.

Obatchan mandou trazerem água e a fogueira foi apagada. A fumaça espessa aumentava as lágrimas. Nenhuma escusa apagaria as marcas feitas na família.

Mas, a partir daquele dia, tudo naquela casa mudou. A voz de Obatchan se fez presente e silenciou a arbitrária e absurda lei.

A partir daquele dia, o riso das crianças nunca mais se calou.

Obituário - A Morte e o Funcionalismo Público

O Zé morreu numa quarta-feira. Caiu morto, em cima de uma pilha de papéis, na repartição pública em que trabalhava, fazia mais de 25 anos.

De início, ninguém reparou. Todos resmungavam contra a perda salarial, as péssimas condições de trabalho, a corrupção na política. Todo mundo estava concentrado nos carimbos, na burocracia às suas mesas, com medo da possível aprovação da perda de estabilidade no funcionalismo público. Ninguém notou o Zé caído, sem respirar. Só uma hora depois é que o chefe da seção percebeu o funcionário sobre a pilha de documentos. Devido à queda, muitas se espalharam pelo chão.

O mau humor do chefe já era notório. Naquele dia estava pior porque seu time perdera o campeonato. Da sua mesa, no fundo da sala, ele resmungou, bem alto, contra o “relaxo” e a “vagabundagem” de certos funcionários.

O colega que sentava ao lado do Zé, com medo do mau humor do chefe, mandou o morto levantar, antes que sobrasse para todo mundo. Aquilo lá era hora de dormir? As duas funcionárias que ocupavam as mesas de trás começaram a cochichar sobre a cara de pau do “folgado”, com olhares e piadinhas maldosas.

A maledicência se alastrou como uma doença, contagiando a sala, e o Zé, funcionário exemplar há quase 30 anos, que nunca entrara atrasado, virou o vagabundo que cochilava em serviço.

Irritado, o chefe levantou-se e foi até o Zé, vociferando ameaças de sindicância, sacudindo-o e ordenando-lhe que se levantasse. O morto rolou para o chão, os olhos esbugalhados, a boca entreaberta.

Houve um instante de mudez na repartição. Quem rompeu o silêncio foi o estagiário que perguntou o que iam fazer com o corpo. O chefe fitou o rapaz com ódio. E ele lá ia saber o que fazer? Aquilo não constava nas normas do serviço.

O corpo do Zé foi arrastado e trancado no almoxarifado. O chefe incumbiu um funcionário de ligar para os bombeiros e avisar a viúva, depois voltou a trabalhar porque o serviço não pode parar. O tal funcionário incumbiu outro colega. O outro colega incumbiu outro, que incumbiu outro que finalmente passou a tarefa para o estagiário. Quando o rapaz ia pegar o telefone, uma das funcionárias gritou-lhe exasperada que ele tinha que passar um fax urgente ou perderia o emprego.

O defunto foi esquecido no almoxarifado. Só lembraram no dia seguinte, quando o corpo começou a feder. Ninguém na repartição foi punido. Culparam o estagiário e o rapaz, que era terceirizado, foi demitido.

O Zé, funcionário público morto em serviço, foi sepultado na sexta-feira e o alto escalão avisou que o dia não seria abonado.

Só o estagiário foi ao enterro.

(Prêmio: o Mapa Cultural Paulista em 2010)

Sensacionalismo

Notícias Sensacionais.

Sensacional: adj. Relativo a sensação, que produz grande sensação; extraordinário, genial, surpreendente: uma novidade sensacional. / Fam. Maravilhoso, espetacular: uma loura sensacional.

Sensacionalismo: s.m. Característica ou particularidade de sensacional. Interesse ou procura pelo sensacional. Utilização ou resultado da busca por assuntos sensacionais cuja repercussão tende a fomentar escândalos, chocar uma sociedade, sem que tais assuntos sejam verdadeiros. Filosofia. Fundamento ou teoria cujas ideias são provenientes, exclusivamente, das sensações ou das percepções sensoriais.

(Definições do Dicionário Aurélio)

Poucos dias antes do fim de 2012, uma jovem foi brutalmente estuprada e ferida em um ônibus em Nova Déli, Índia. O fato gerou comoção internacional e continua ganhando espaço na mídia.

Sem dúvida alguma, é uma notícia impactante, horrível e que merece o destaque que lhe tem sido dado. Entretanto, o que tenho observado nos noticiários em qualquer meio (televisão, jornal, internet etc) é que o tom ora revoltoso, ora informativo, dependendo do veiculador da notícia, está longe da isenção jornalística ou mesmo do caráter de denúncia de que alguns meios tentam se apropriar. A pura verdade é uma só: o único aspecto explorado pela mídia é o sensacionalismo. Muito embora encontremos algumas esparsas (e poucas) informações sobre os fatos e suas consequências, o que se repete "ad nauseam" são os detalhes sórdidos sobre a forma que a jovem indiana foi estuprada e sequestrada, destacando-se que foram seis estupradores.

O que observo é que o interesse da mídia não é chamar atenção ou despertar a consciência acerca desse tipo de monstruosidade, das péssimas condições de segurança em que vivemos, da situação das mulheres na Índia e em muitos países (inclusive o nosso). Os desdobramentos em torno desses temas são efeitos colaterais do sensacionalismo. Efeitos bem vindos, é claro, mas em breve alguma outra notícia sensacional, que pode nem ser hedionda, mas curiosa, científica ou cômica, ocupará o noticiário.

Há poucos dias, deparei-me com uma brilhante palestra sobre dependência cultural, proferida pelo jornalista e escritor Jorge Cunha Lima (<http://www.cpflcultura.com.br/2008/12/24/a-dependencia-cultural/>) e gravada para o programa Café Filosófico, da TV Cultura. Dentre outros tópicos relevantes ao tema e muito bem desenvolvidos, Cunha Lima destacou que, segundo sua observação, o produto da televisão brasileira não é mais o programa em si, mas a audiência. Referida palestra foi gravada em 2007. Penso que de lá pra cá pouca coisa mudou, aliás, acentuou-se e não apenas no meio televisivo, mas em qualquer meio. Obviamente, as emissoras de televisão são "campeãs de audiência" nos quesitos morbidez, baixaria e sensacionalismo, disfarçando-os em entretenimento ou, pior, de denúncia social. A denúncia existe, mas, como citei acima, é efeito colateral. Assim que a notícia veiculada começa a arrefecer, logo aparece outro fato sensacional para saciar o apetite mórbido e insensato de uma massa com nenhum ou muito pouco senso crítico. Dessa forma, vai caindo no esquecimento todo o clamor suscitado pela mídia em torno deste ou daquele fato. Quem ainda fala na pobre Isabela Nardoni? O caso da moça assassinada pelo goleiro Bruno ainda ganha espaço no noticiário porque o indiciado jogava em famoso clube carioca e isso dá

audiência. Aliás, como é mesmo o nome da moça assassinada? Se o assassino fosse um jogador de um clube medíocre no Piauí ou um pedreiro desconhecido do Acre, talvez sequer houvesse clamor público, porque nem haveria divulgação do caso. Quantas mulheres e crianças são estupradas, machucadas, mortas todos os dias, em diversos pontos do planeta? O caso Nardoni, por exemplo, foi chocante e tenebroso, porém, não se trata de caso isolado. Quem trabalha nas Varas Criminais de qualquer cidade brasileira já deve ter se defrontado com casos mais hediondos e não divulgados, pois não despertariam o necessário “auê” que gera a audiência, que atrai leitores, que divulga e destaca os meios de comunicação. Isabela Nardoni, por exemplo, era de família abastada, pais com nível superior, avô advogado. O empresário japonês assassinado e retalhado pela mulher era pessoa de posição financeira relevante e por isso com destaque social. Mas não nos enganemos, tem coisa muito pior ocorrendo por aí, anonimamente, apenas porque não interessa à mídia divulgar.

É óbvio que não é possível noticiar e saber de absolutamente todo e cada movimento neste planeta. O que me desperta atenção e que desejo ressaltar é a necessidade de não tomarmos por *denúncia* a sede por audiência e a criação de uma irreflexiva cultura da violência. A mídia, qualquer que seja, não está prestando um serviço social, muito menos denunciando desigualdades, atrocidades, conspirações. O culto e a cultura da violência não leva à reflexão do porque essas coisas horríveis acontecem. Não encontrei nenhum debate sobre o que levou seis indivíduos a agirem tão brutalmente contra um ser humano. Não que haja desculpas para a monstruosidade, mas ninguém reflete sobre de onde ela surge, como se alimenta, porque aumenta. Todo mundo quer ver o enforcamento dos assassinos, ou seja, mais violência. Ninguém se pergunta o porquê de nada e vai crescendo um mercado da violência extremamente expressivo, sempre disfarçado de notícia ou denúncia. A mídia presta serviço a si mesma e é com isso que precisamos nos cuidar. O antídoto é simples: menos BBBs, Fazendas, compartilhamento de inutilidades no Facebook, menos pancadão, baixaria, dancinhas de bundas rebolantes, palavrões, consumismo desenfreado. Mais senso crítico, mais leitura, e não apenas juntar palavrinhas, mas desvendar a escrita. E por leitura entendamos também a compreensão da mensagem, seja ela verbal ou não verbal. Precisamos com urgência descobrir as entrelinhas, ler o que não está escrito, ouvir o que não foi dito, ver o que não está a olho nu, como queria Paul Klee.

Quem sabe com mais senso crítico, com menos estupidez e alienação (que é morte cerebral voluntária), diminuam-se os casos de violência, estupros, assaltos, miséria, corrupção. Quem sabe vejamos menos casos como o da pobre jovem indiana e possamos ver menos programas que pingam sangue e mais entrevistas como a do Cunha Lima, na Cultura. Afinal, o senso crítico é ferramenta essencial da cidadania. Sem cidadania, não há civilização que se sustente.

flip book realizado por
<http://houdelier.com>